

Jovens Agricultores #114

Revista Trimestral ABR|MAI|JUN| 2018 | Distribuição Gratuita

Associação dos Jovens Agricultores de Portugal

Diretor: Eduardo Almendra



ESTAMOS
JUNTOS

**A Tecnologia
ao Serviço da Agricultura**

Relações Duradouras

O Crédito Agrícola é um Banco de proximidade com o meio rural e tem contribuído para a diminuição das assimetrias entre o rural e o urbano e o interior e o litoral.

A presença do Crédito Agrícola no território português e de forma tão atomizada que, permite estabelecer com as pessoas que vivem e trabalham nas localidades, uma relação além de comercial ou institucional, é uma relação familiar, de amizade e que pretende ser duradoura.

O Crédito Agrícola tem um carinho especial pelos jovens que fazem dos territórios de baixa densidade e do setor agrícola o seu modo de vida e aí desenvolvem a sua atividade profissional.

Os jovens agricultores são para nós um exemplo de resistência e perseverança que nos inspira e promove a nossa proximidade. O Crédito Agrícola pretende que a relação com os jovens agricultores ou com os jovens empresários rurais seja duradoura, profícua e pretende envolver-se mais com as atividades e os anseios destes jovens. Somos um parceiro, não apenas um Banco.

A experiência dos últimos seis anos com a AJAP tem sido muito positiva para as duas instituições. Pretendemos continuar ao seu lado para engrandecimento das instituições e sua consolidação.

O Crédito Agrícola e a AJAP, juntos, serão mais fortes.



Licínio Pina
Presidente do Conselho
de Administração Executivo
da Caixa Central de Crédito Agrícola



Parceria de Sucesso

À semelhança da AJAP, também o Grupo Crédito Agrícola se preocupa com o rejuvenescimento e a viabilização económica, social, multifuncional e cultural dos territórios rurais.

Em nossa opinião o despovoamento das áreas rurais deve ser prevenido (onde ainda não se verifica), combatido (onde parece ser reversível ou controlável) ou gerido (onde dificilmente poderá ser estancado), a partir de uma perspetiva integrada de desenvolvimento territorial.

Vários têm sido os alertas da AJAP aos governantes de que é fundamental ao país atenuar e contrariar a desertificação, o despovoamento e o abandono da atividade agrícola, florestal, pastorícia e outras. Os meios que têm sido colocados à disposição têm-se manifestado insuficientes para fixar jovens agricultores, jovens empreendedores e inovadores e empresas vocacionadas para o turismo/gastronomia, atividades cinegéticas, preservação dos recursos e outras, caso contrário os resultados hoje seriam necessariamente diferentes.

Os Jovens Agricultores e os Jovens Empresários Rurais só podem desenhar os seus projetos e comprometerem o seu futuro com estes territórios, se sentirem o apoio necessário do governo e dos responsáveis da administração regional e local.

A AJAP e o Crédito Agrícola têm ao longo da sua história, estado ao lado das populações desses territórios e dos jovens resilientes que dificilmente desistem dos seus sonhos. Queremos muito continuar a dar o nosso melhor contributo, assim o Governo defina e execute estratégias e coloque à disposição incentivos capazes de inverter estas adversidades.

Portugal só colhe se semear esperança no interior e se efetivamente o tornar apetecível.

A AJAP e o Crédito Agrícola, juntos, serão mais fortes.



Firmino Cordeiro
Diretor Geral da AJAP



4 EDITORIAL

5 ATUALIDADE

Fórum Qualidade e Competitividade Agroalimentar – Rio de Janeiro e Moçambique

DOSSIER CENTRAL

- 8 «Penso que a futura PAC 2020 será uma grande oportunidade para, com os estímulos certos, promover uma produção agrícola baseada num ecossistema de inovação robusto...», Ricardo Braga, Docente no Instituto Superior de Agronomia | Membro do Conselho de Acompanhamento da Revisão da Política Agrícola Comum
- 10 «A tecnologia conjuntamente com a necessidade de diminuir a agressividade aos recursos naturais, podem conduzir a fenómenos de concentração e artificialização que diminuem em muito e, com prejuízos ainda não suficientemente avaliados, as relações clássicas da agricultura com a alimentação», Tito Rosa, Presidente da Liga para a Proteção da Natureza | Membro do Conselho de Acompanhamento da Revisão da Política Agrícola Comum
- 12 «Os nossos produtores estão ávidos de novas tecnologias e a implementação de algumas delas só poderá ser impedida por fatores de não aplicabilidade à realidade do produtor», Ondina Afonso, Presidente do Clube de Produtores do Continente
- 14 «A evolução tecnológica noutros setores está francamente avançada, o que levará a que muitas das soluções já existentes sejam adaptadas ao setor agrícola», Tiago Sá, CEO & Co-Founder Wisecrop
- 18 «A nossa aposta nestes anos tem sido na tecnologia, tendo como base dois dos nossos pilares: Responsabilidade Social e Respeito pelo Meio Ambiente», Ricardo Machado, Jovem Agricultor e proprietário da Mirtifruta
- 20 «A tecnologia está a ser cada vez mais procurada pelos agricultores», Raul Pinheiro, CEO Phosphorland

AJAP SOU EU

- 23 Oferecer conhecimento é trabalhar com gosto
Valentina Castilho, técnica da AJAP no Gabinete de Coordenação Regional do Alentejo

PARCERIAS INTERNACIONAIS

- 25 O Agronegócio em Cabo Verde
Davide Freitas, CEO da Winresources

PARCEIROS AJAP

- 26 Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Trás-os-Montes e Alto Douro
Alcino Sanfins, Presidente do Conselho de Administração da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Trás-os-Montes e Alto Douro

28 ADIACT

Celso Magalhães, Presidente da Associação de Desenvolvimento Integrado dos Agricultores do Alto Corgo e Tâmega

INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

- 30 Fruta Dragão: Validar a capacidade produtiva da Pitaia Vermelha



Por um mundo mais sustentável

Nem sempre o homem tem respondido de forma positiva aos desafios e surpresas que a mãe natureza tem apresentado.

É verdade que estes fenómenos na história se arrastam por centenas e milhares de anos, contudo, face à evolução da espécie humana, às necessidades, ambições e lutas pelo poder conduziram a alterações rápidas nos ecossistemas e nos recursos em determinadas regiões do planeta.

Porventura existiram cuidados e estudos a acautelar consequências! Ainda assim, pouco ou nada foi feito, caso contrário não teríamos chegado ao atual estado. Hoje sim, preocupante, com enormes manchas territoriais à escala mundial deixadas à sua sorte, praticamente sem população, a qual está cada vez mais concentrada nos grandes centros urbanos e a aumentar exponencialmente, trazendo consequências negativas que lhe são reconhecidas.

A questão coloca-se: quem foi mais ou menos responsável? Pouco interessa neste momento, interessa sim, unir esforços à escala mundial para atenuar estes efeitos nefastos. Outra questão ocorre: mas esses esforços estão realmente a ser feitos pelos grandes responsáveis mundiais?

Receio pela qualidade de vida dos meus filhos, dos meus netos, enfim, que planeta vamos deixar às futuras gerações?

Se nos cingirmos ao nosso país, vezes sem conta a AJAP alertou para os perigos da desertificação humana e territorial de vastas regiões, nomeadamente do interior. Vezes sem conta a AJAP alertou para o desfazamento e enormes discrepâncias nos grandes investimentos realizados no litoral em detrimento das regiões do interior, o mesmo se verificou no que diz respeito à criação de dinâmicas empresariais e, por sua vez na criação de postos de trabalho.

Mas não ficamos por aqui, apesar da pouca atenção que foi dada à AJAP, infelizmente hoje o país está a remediar tragédias ocorridas.

Receamos que os Governos cheguem atrasados na criação de medidas excecionais para atrair jovens inovadores e empreendedores ao mundo rural em Portugal. O projeto JER - Jovem Empresário Rural tem quase 10 anos no seio da Associação dos Jovens Agricultores de Portugal, mas não perdemos a esperança que a sensatez se sobreponha a outros tipos de interesses que porventura não estejam empenhados em que o projeto JER avance.

Este número da Vossa revista assume uma forte incidência na simbiose necessária entre as Melhores Práticas Agrícolas e a Agricultura Sustentável, virada para a ocupação do território como um espaço que ainda pode ser valorizado se todos fizermos o que temos de fazer.

Eduardo Almendra, Presidente da AJAP

Ficha Técnica

Propriedade e Edição AJAP-Associação dos Jovens Agricultores de Portugal | Rua D. Pedro V, 108, 2º - 1269-128 Lisboa

Direção Eduardo Almendra **Coordenação Editorial** Carolina Sousa

Redação AJAP-Associação dos Jovens Agricultores de Portugal | Rua D. Pedro V, 108, 2º - 1269-128 Lisboa

Secretariado Olga Leitão **Departamento Comercial** Carolina Sousa | comunicacao@ajap.pt

Paginação Miguel Inácio **Impressão** GMT Gráficos Lda | Rua João de Deus, 5-C, Venda Nova - 2700-486 Amadora

Depósito Legal n.º 78606/94 **Registo de Título** n.º 116714 **NIPC:** 501396934

Tiragem 10 000 Exemplares **Periodicidade** Trimestral

E-mail comunicacao@ajap.pt **URL** www.ajap.pt

Distribuição Gratuita

Estatuto Editorial consulte em www.ajap.pt

Com o apoio



FÓRUM QUALIDADE E COMPETITIVIDADE AGROALIMENTAR RIO DE JANEIRO E MAPUTO

Galeria de imagens do stand da AJAP na Super Rio Expofood
Rio de Janeiro



Stand da AJAP



Dr. Paulo Ramalho, Eng.º Carlos Duarte, Eng.º Manuel Castro e Brito, Eng.º Firmino Cordeiro, Cônsul Jaime Leitão, Dr. Arlindo Varela



Degustação de produtos



Visitantes no stand da AJAP

Numa era em que a abordagem à internacionalização é uma constante, procuram-se oportunidades consideráveis de acesso ao mercado e de trocas comerciais vantajosas. Importa difundir, destacar e valorizar o que Portugal tem de melhor, tanto em diversidade como em qualidade, sendo também nesse sentido que a Associação dos Jovens Agricultores de Portugal tem vindo a trabalhar e a destacar-se.

Realizou-se no Rio de Janeiro (março de 2018) e em Maputo (maio de 2018) o Fórum Qualidade e Competitividade Agroalimentar, que levou a cabo a criação de bases de trabalho para diversas iniciativas, desenvolvidas ao abrigo do COMPETE2020 – SIAC Sistema de Apoio a Ações Coletivas (Internacionalização), potenciando a competitividade do setor agroalimentar.

Enquadrado na Campanha Promocional Portugal Gourmet, foram divulgados alguns produtos tradicionais portugueses produzidos por Jovens Agricultores e Jovens Empresários Rurais. Queijos, enchidos, presunto e azeite foram o prato forte de degustação em terras brasileiras e moçambicanas, a par de uma reflexão sobre as oportunidades e desafios do setor agroalimentar, reforçando não só a importância das trocas comerciais, como o câmbio e disseminação de conhecimento.

Galeria de imagens do I Fórum Qualidade e Competitividade Agroalimentar Rio de Janeiro



Dr. António Alvarenga

Dr.ª Maria Carolina Lousinha

Eng.º Carlos Duarte



Dr. Manuel Domingues e Pinho e o Cônsul Jaime Leitão



Dr. Paulo Ramalho, Dr. Arthur Pimentel, Eng.ª Marly Galvão, Dr. Hélder Coimbra, Dr.ª Isabel Martins, Dr. Amândio Santos, Eng.º Firmino Cordeiro

Também no Rio de Janeiro, a AJAP esteve presente naquele que é considerado o maior evento do setor alimentar do Brasil, a Super Rio Expofood. Organizado pela ASSERJ (Associação dos Supermercadistas do Rio de Janeiro) e pela Escala de Eventos, este certame reuniu os grandes empresários e profissionais de diversos setores do Estado do Rio de Janeiro, dando a oportunidade a quem lá passou de proliferar conhecimento, estabelecer novas parcerias e conquistar negócios promissores. Em terras de samba, o stand da Associação dos Jovens Agricultores de

Portugal suscitou um forte interesse e uma positiva afluência, por parte dos visitantes.

Um conjunto de eventos que levou a cabo o compromisso de criar laços comerciais, travar contactos auspiciosos, dar e receber conhecimento e, que se revelaram numa aposta efetiva para o investimento e internacionalização das empresas do setor agroalimentar e de capacidade de inovação dos Jovens Agricultores e Jovens Empresários Rurais.

TEMAS EM DEBATE E ORADORES

No Rio de Janeiro, o Fórum contou com ilustres personalidades, como o Cônsul-Geral de Portugal no Rio de Janeiro, Jaime Leitão, o Presidente da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, Manuel Domingues e Pinho, o ex-Secretário de Estado da Agricultura, Carlos Duarte, o Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura (Brasil), António Alvarenga, o Presidente da Portugal Foods, Amândio Santos, a Gerente de Desenvolvimento de Negócios da AICEP, Maria Carolina

Galeria de imagens do II Fórum Qualidade e Competitividade Agroalimentar Maputo



Dr. Salimo Abdula

Dr.ª Maria Amélia Paiva



Eng.º Firmino Cordeiro e Dr. Salim Cripton Valá



Sr. José Alcobia, Dr.ª Jane Grobe, Dr.ª Mariana Matos, Sr. Moreira da Silva, Eng.º Davide Freitas, Dr. João Jeque



Eng.º Alcino Sanfins, Dr. Júlio Costa, Dr. Paulo Ramalho, Dr. Soares Xerinda, Dr. Cecílio Valentim

Lousinha, o ex-Diretor do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Brasil), Arthur Pimentel, a Diretora da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, Marly Galvão. Os painéis de reflexão e debate, centraram-se na *Competitividade dos Produtos Agrícolas no Mercado Global e na Internacionalização-Um desafio do Setor Agroalimentar*. Como moderadores do evento, estiveram presentes a jornalista, Isabel Martins e Hélder Coimbra do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil.

Em Maputo, os temas de debate giraram em torno das *Parcerias-Um Desafio do Agroalimentar* e da *Valorização*

dos Produtos Agrícolas no Mercado Global. Para dar voz aos temas mencionados, estiveram presentes os distintos oradores: a Embaixadora de Portugal em Moçambique, Maria Amélia Paiva, o Presidente da CE-CPLP, Salimo Abdula, o Presidente do Conselho de Administração do FDA, Eusébio Tumuitikile, o Administrador do Pelouro de Gestão de Projetos do FNDS, Júlio Costa, o Diretor-Geral da Agência de Desenvolvimento do Vale do Zambeze, o Presidente da Cooperativa de Poupança e Crédito dos Produtores do Limpopo, Soares Xerinda, o Diretor Executivo da Associação Moçambicana para a Promoção do Cooperativismo Moderno, Cecílio Valentim, o Presidente

da Caixa de Crédito Agrícola de Trás-os-Montes e Alto Douro, Alcino Sanfins, o Diretor Nacional dos Serviços Agrários, Mahomed Rafik Valá, a Secretária Geral da Casa do Azeite, Mariana Matos, o CEO da WinResources, Davide Freitas, a Diretora-Geral da TECHNOSERVE – Moçambique, Jane Grobe, o Presidente da FENAGRI, João Jeque, o Empresário Agrícola José Alcobia e o Presidente do Conselho de Administração da Bolsa de Valores de Moçambique, Salim Cripton Valá. Como moderadores do fórum, estiveram presentes o ex-Presidente da AJAP, Moreira da Silva e o Especialista em Relações Internacionais e Cooperação, Paulo Ramalho.



«Penso que a futura PAC 2020 será uma grande oportunidade para, com os estímulos certos, promover uma produção agrícola baseada num ecossistema de inovação robusto...»

por Ricardo Braga, Docente no Instituto Superior de Agronomia | Membro do Conselho de Acompanhamento da Revisão da Política Agrícola Comum

RECUPERAÇÃO E INOVAÇÃO NO SETOR AGROALIMENTAR NOS ÚLTIMOS ANOS

Avalio de forma muito positiva a recuperação e inovação do setor agroalimentar nos últimos anos. Quem iniciou a atividade profissional no início dos anos noventa do século passado, como é o meu caso, nunca tinha assistido a tanto entusiasmo e dinamismo como o que se viveu nos últimos 8 a 10 anos. Isso expressa-se no número e na dimensão dos eventos técnicos, nas novas plantações, no surgimento de novas empresas, na taxa de empregabilidade dos licenciados, etc. No entanto, o que me parece mais relevante nos últimos anos é a mudança de postura do empresário, na sua generalidade, no que toca à inovação e procura de conhecimento. Há a clara noção de que a inovação é essencial para a sustentabilidade das explorações agrícolas em virtude de uma maior consciencialização das alterações em curso (globalização, digitalização, alterações climáticas, etc.).

POPULAÇÃO EM CRESCIMENTO E RECURSOS NATURAIS LIMITADOS - MEDIDAS NECESSÁRIAS PARA ASSEGURAR UMA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL

Alimentar a crescente população mundial implica em grande medida,

e de acordo com a FAO – Food and Agriculture Organization, o aumento da produtividade por unidade de área (que à escala mundial é um recurso escasso). Esse aumento terá de ser feito num quadro completamente distinto do que o que se verificou após a segunda guerra mundial.

Felizmente, temos novos aliados de peso nesse desafio, como sejam o muito superior conhecimento científico sobre o funcionamento dos ecossistemas agrícolas, a tecnologia e o melhoramento genético. Portanto, as políticas para assegurar uma produção alimentar sustentável (produzir mais e melhor, usando menos recursos, a menor custo e com menor impacto ambiental) serão as que privilegiem a chegada dessas três componentes à produção. Precisamos urgentemente de reduzir o fosso que existe entre a produção de conhecimento e tecnologia e a sua aplicação concreta na prática das explorações. A componente genética é, apesar de tudo, relativamente mais fácil de a fazer chegar à exploração (a menos que sejam impostas restrições legislativas).

“IMPLEMENTAR UM MODELO TECNOLÓGICO NÃO É POR SI SÓ SUFICIENTE, HÁ QUE MUDAR O PADRÃO COMPORTAMENTAL DOS PRODUTORES DE BENS ALIMENTARES, CONSUMIDORES

E MESMO DOS PRODUTORES DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA...»

Certamente que não é suficiente, nem a Agricultura de Precisão é um “modelo tecnológico”. A tecnologia é um aliado importante, mas não é um fim em si. O que faz a diferença é sermos capazes de reunir diferentes fontes de dados e transformá-los em informação útil para a tomada de decisão do empresário agrícola. O foco deverá ser na geração e uso de dados de modo a convertê-los em melhores decisões no dia-a-dia da produção. Essa é a grande mais valia. E para isso não é líquido que a intensidade tecnológica, no sentido convencional do termo, tenha de aumentar dramaticamente. Defendo que há formas *low tech* de o fazer com resultados positivos mais do que proporcionais ao investimento.

No que toca ao fator humano em termos de mudança comportamental, penso que ela já está em curso. E a comunidade de produtores de ciência e tecnologia também está a ser incentivada a trabalhar numa lógica de ecossistema de inovação (e.g. grupos operacionais do PDR2020). Temos também empresas a contratar diretamente serviços de ID&T (Investigação e Desenvolvimento Tecnológico) às entidades do SCTN (Sistema Científico e Tecnológico Nacional). Mas o caminho a percorrer ainda é longo, e passará, a meu ver, pelo

reconhecimento das mais-valias mútuas do trabalho em parceria.

O modelo de disseminação de inovação baseado na “contaminação” é bastante eficaz. Estratégias que visem a vulgarização de boas práticas obtidas como resultados de projetos ID&T e outros são sempre bem-vindas. Essa já foi, aliás, a prática promovida no anterior PRODER e no atual PDR2020.

AGRICULTURA DE PRECISÃO - UMA SOLUÇÃO NA AGRICULTURA? QUAIS OS PRESSUPOSTOS PARA A SUA ADOÇÃO?

A Agricultura de Precisão (AP) propõe um sistema de produção (para a exploração) e cultural (para a parcela / folha) baseado na caracterização e conhecimento detalhado dos recursos (solo, terreno, etc.), do ambiente (estações meteorológicas, sensores de água no solo, etc.) e da resposta das culturas (cartas de NDVI – Índice de Vegetação de Diferença Normalizada, cartas de produtividade, etc.) e que visa a otimização do uso dos fatores de produção no sentido de aumentar a sustentabilidade do negócio agrícola. Ao ajudar a melhorar a eficiência de uso dos fatores estará a aumentar a resiliência das explorações agrícolas, nomeadamente em relação à escassez de água e ao aumento do preço da energia. Não diria que a AP é “a” solução,

mas certamente dará um contributo decisivo nesse desafio.

A Agricultura de Precisão é totalmente transversal a qualquer tipo de cultura anual ou permanente. É também transversal a qualquer modo de produção, desde a produção integrada ao bio. E aplica-se também na componente de produção animal. No entanto, não se aplica a todas as culturas da mesma forma, mas os princípios são os mesmos e têm que ver com ciclos de definição (objetivos e métricas), medida, análise, controlo e melhoria.

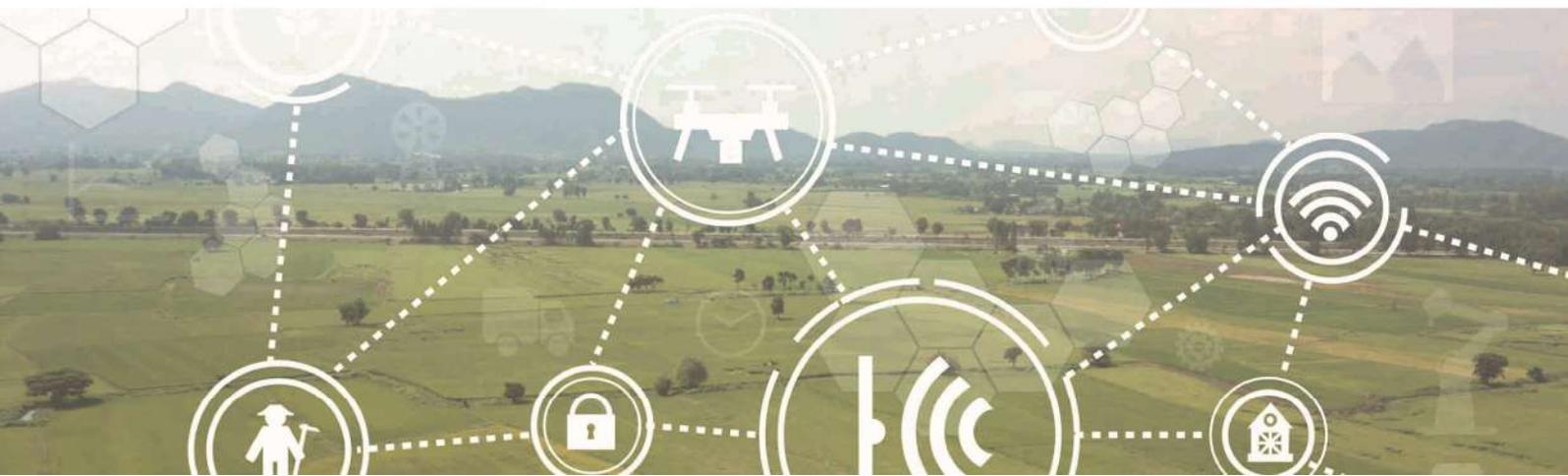
Quando se trata de adotar a Agricultura de Precisão, com êxito, costumo apresentar uma lista de princípios base: Considerada um processo (de melhoria contínua a prazo), não tanto uma tecnologia; O foco deve estar em dados, informação e conhecimento (agronómico), não na tecnologia; A adoção deve começar pelo registo e colheita de dados (de forma progressiva); Apenas se deve passar à fase de atuação diferenciada após extenso conhecimento das causas da variabilidade; Atuar sempre na causa e não no resultado; Não há receitas para adoção, o roteiro de adoção deve ser criado caso-a-caso em função de objetivos e contextos; O Objetivo da AP não deve ser homogeneizar a carta de produtividade, mas maximizar retornos financeiros; Atuar sempre atendendo à racionalidade económica e ao risco; Resolver

primeiro problemas “básicos” das folhas e só depois aplicar AP; A AP não é uma panaceia, não substitui má gestão.

TECNOLOGIA AO SERVIÇO DA AGRICULTURA NA FUTURA PAC

As discussões sobre as futuras medidas no âmbito da PAC pós 2020 estão ainda em fase muito embrionária. Diria, no entanto, que face ao que referi sobre a importância do real foco da Agricultura de Precisão serem os dados e não tanto a tecnologia, o desafio poderá passar por conceber medidas que produzam os estímulos corretos junto dos empresários agrícolas. Na vertente de equipamentos, o atual PDR já os promove, nomeadamente a nível da valorização da VGO (Valia Global da Operação).

Penso que a futura PAC2020 será uma grande oportunidade para, com os estímulos certos, promover uma produção agrícola baseada num ecossistema de inovação robusto, muito próxima das bases e inovações técnico-científicas da Agronomia e áreas conexas e, desse modo, possa ser sustentável e resiliente face aos grandes desafios que se avizinhm (escassez de recursos, volatilidade de preços, alteração climática, etc.). Ter consciência de que só juntando esforços poderemos encontrar as soluções já será um grande passo!





DOSSIER CENTRAL - A Tecnologia ao Serviço da Agricultura

«A tecnologia conjuntamente com a necessidade de diminuir a agressividade aos recursos naturais, podem conduzir a fenómenos de concentração e artificialização que diminuem em muito e, com prejuízos ainda não suficientemente avaliados, as relações clássicas da agricultura com a alimentação», por Tito Rosa, Presidente da Liga para a Proteção da Natureza (LPN) | Membro do Conselho de Acompanhamento da Revisão da Política Agrícola Comum

ANTIGO GESTOR DO PROGRAMA AGRO E ATUALMENTE MEMBRO DO CONSELHO DE ACOMPANHAMENTO DA REVISÃO DA PAC - UM NOVO DESAFIO

Encaro este desafio com a responsabilidade de procurar que os próximos instrumentos da Política Agrícola e de desenvolvimento consigam ser mais criteriosos na utilização dos recursos (por exemplo possibilitando cortar uma linha de dependência de ajudas ao investimento e ou de manutenção de rendimentos) para viabilizar maior investimento público nas áreas, setores ou utilizadores onde a mobilização de recursos financeiros de mercado é mais difícil ou insuficiente por razões diversas. Acontece com a instalação de novas empresas (incluindo os jovens ainda que com sistema revisto), a introdução de inovação, a criação de negócios de maior necessidade de mão-de-obra, negócios de ciclo de retorno mais longo (floresta, por exemplo), atividades que produzam ou prestem serviços na área dos bens ambientais os quais,

com dificuldade, têm a justa remuneração ou contra valor no mercado e ainda negócios que sejam menos impactantes em matéria de alterações climáticas e perda de biodiversidade.

RECUPERAÇÃO E INOVAÇÃO DO SETOR AGROALIMENTAR NACIONAL

Registou-se uma evolução muito positiva e que derivou do efeito conjugado dos seguintes fatores: a substituição progressiva de agentes (novos agricultores/empresários), a atração de capital externo ao sector, rompendo assim com as limitações decorrentes de uma auto-acumulação débil (fenómeno muito visível em setores como o vinho, o azeite e a fruticultura intensiva) e a manutenção de um sistema de apoio público ao investimento que, em muitos casos, continua a ser excessivamente generoso. O setor também beneficiou, ainda que com resultado de menor realce, da conjuntura de crise de emprego e investimento em outros setores da economia.

PRODUÇÃO ALIMENTAR SUSTENTÁVEL – QUE CAMINHO PERCORRER PARA ALCANÇAR UM PADRÃO SALUTAR?

Tendo em conta as brutais e rapidíssimas evoluções, designadamente tecnológicas, vem indiciar que talvez estejamos no limiar de uma realidade da produção de alimentos muito diferente. A tecnologia conjuntamente com a necessidade de diminuir a agressividade aos recursos naturais pode conduzir a fenómenos de concentração e artificialização que diminuem em muito e, com prejuízos ainda não suficientemente avaliados, as relações clássicas da agricultura com a alimentação. Essa é talvez a “nuvem negra” que ainda não conseguimos entender. A parte positiva é que ela vai ter que ser compensada, talvez mais numa ótica de gestão de territórios e recursos por uma agricultura porventura menos competitiva, mas na qual os cidadãos apostem para salvaguardar valores de justiça social e ambiental necessários.

O maior desafio com que nos defrontamos não é a tecnologia. É saber utilizá-la com conta, peso e medida de forma que não transforme o nosso habitat num mundo frio, pouco solidário, desligado da biosfera e dos seus recursos críticos. Para que isso não aconteça a sensibilização dos consumidores para que façam escolhas para produtos e soluções que integrem componentes ambientais ou sociais significativas (produtos de território, produtos responsáveis, produtos solidários, produtos ambientalmente neutros) é crucial.

ACESSIBILIDADE TECNOLÓGICA NA FUTURA PAC

Defendo que o mundo vai necessitar cada vez mais, em parte significativa decorrente da aceleração tecnológica, de investimento público em bens e serviços, com a consequente criação e empregos, em áreas onde as lógicas de mercado não se interessam. Assim sendo, os novos instrumentos de política não devem continuar a fazer do estado um parceiro de investimento (não ativo) em negócios rentáveis, mas, simultaneamente, ao mesmo tempo que desenha medidas de incentivo a este tipo de investimento mais equilibradas, investe mais fortemente em setores e áreas de atividade onde a componente de bens públicos (ambientais, sociais) seja mais relevante.

Sempre tive o entendimento que a abundância é muitas vezes inimiga da eficiência e em muitos casos conduz ao desperdício e ou à utilização menos regular. Tem sido assim nos últimos programas. Porquê? Porque em diversas áreas não se adotaram instrumentos de apoio menos dispendiosos em termos de consumo de recursos públicos e mais ajustados à economia do investimento privado o que, por vezes, deu ideia de escassez de dotações. Nada mais errado.

Com outro tipo de instrumentos é possível reciclar investimento público e libertar recursos para as componentes que devem ser apoiadas pelo Estado e que são, designadamente, aquelas onde existe manifesta falha de mercado, onde o retorno é muito longo e as remunerações do capital mais baixas e onde os fatores ambientais e de serviços dos ecossistemas estão mais incorporados.

UMA NOVA AGRICULTURA VERDE – O AMBIENTE NA LINHA DA FRENTE

É absolutamente necessário que a nova PAC e os instrumentos subsequentes não reproduzam a situação anterior de “faz de conta”, onde em muitos casos, como justificação de uma agricultura mais green se mantiveram as mesmas práticas e, sobretudo, com a lógica pouco recomendável, de incentivos e ajudas tipo *flat*, se fez uma desajustada distribuição de recursos sem avaliação credível dos efeitos positivos sobre o ambiente, os ecossistemas. Em matéria de incutir uma agricultura mais sustentável, se quisermos utilizar este conceito por conveniência de compreensão, a lógica tem que passar pelo Estado, através dos apoios públicos discriminar positivamente as agriculturas e/ou os agricultores que investem na mudança de práticas ou sistemas, aumentando a valia ambiental das suas explorações ou negócios. Este aumento deve ser medido, assim como o decréscimo, e deve ter contrapartida nas medidas de apoio.

Inserido nos tramites ambientais, e não só, é também mais do que necessária a inclusão da gestão ativa das áreas florestais na futura PAC. Até onde a UE continua ou não agarrada a preconceitos, desinformação ou desconhecimento sobre a importância das áreas florestais e agroflorestais no desenvolvimento rural, não sabemos, mas estamos convictos

que a “força da desgraça” acabará por fazer valer alguns argumentos no sentido de a floresta ser integrada na política nas suas múltiplas vertentes: económica, de coesão social e territorial, de valia ambiental e de valorização dos usos não produtivos.

PRINCIPAIS LINHAS ORIENTADORAS DA FUTURA PAC

Uma agricultura e sistemas rurais mais solidários com os territórios, o ambiente e a conservação da natureza; uma agricultura de prémio e reconhecimento de capacidade e cada vez menos de dimensão ou status quo.

Em relação a alterações nos pilares era mais importante salutar e, eficiente mudar de instrumentos de política “dentro” dos pilares. Hoje a separação dos pilares é muito mais convencional, de natureza regulamentar e ou orçamental do que na realidade em matéria de diferenciação de impacto nas explorações. O que era importante era, como referimos, ter políticas de apoio diferenciadas, muito próximas de objetivos e menos de propósitos, com a adoção de métricas de sucesso, designadamente em termos de desempenho de sustentabilidade.

O acesso ao financiamento é uma barreira à renovação de gerações, mas mais do que o acesso é a forma dos instrumentos que são disponibilizados, que não tem em conta as diferentes necessidades (em timing, valor e forma) dos investimentos em novas empresas ou na renovação da liderança dessas empresas.

«Os nossos produtores estão ávidos de novas tecnologias e a implementação de algumas delas só poderá ser impedida por fatores de não aplicabilidade à realidade do produtor»

por Ondina Afonso, Presidente do Clube de Produtores do Continente

O Clube de Produtores Continente posiciona-se enquanto plataforma do Continente para apoio à produção nacional, regional e local, promovendo parcerias estratégicas com os produtores, membros deste Clube, reforçando também a competitividade dos seus membros e nos setores que representam.

A título de exemplo, o Clube de Produtores Continente representou, em 2017, um total de compras de cerca de 150 mil toneladas de produtos nacionais, no valor de 260 milhões de euros.

Constituído por 200 membros, entre organizações de produtores e produ-

tores individuais, o Clube, tem assim, grandes agrupamentos de produtores de Frutas, mas também produtores individuais de legumes e até mesmo empresas familiares que produzem charcutaria tradicional. A representação de setores é ampla e distinta, englobando frutas, legumes, carne, charcutaria (queijos e enchidos), padaria e pastelaria tradicional, compotas, azeites e vinhos.

INOVAÇÃO NO SETOR ALIMENTAR

A Inovação do setor agroalimentar, tem feito um caminho de crescimento exponencial e, sobretudo, de adaptação às tendências de consumo que vamos assistindo, quer em Por-

tugal quer nos mercados externos. A inovação não existe por si só, se não houver retorno económico.

A qualidade, no que respeita à segurança alimentar, é um bem adquirido com a legislação nacional e europeia e que todos os agentes económicos têm de cumprir, sendo a base de qualquer relação comercial. Mas quando falamos em qualidade percebida pelo consumidor, falamos de patamares de excelência, onde os nossos clientes avaliam, não só a qualidade intrínseca do produto, mas também um outro conjunto de atributos, como a origem e a sustentabilidade.



A inovação tem de ser uma constante no dia-a-dia de quem quer responder às exigências atuais dos consumidores e que cada vez mais são muito específicas. Por conseguinte, não existirá um novo produto ou um novo serviço se o mesmo não for reconhecido pelo cliente.

Em 2017, o Clube lançou uma iniciativa pioneira: a Academia do Clube de Produtores e que consiste num programa de capacitação de um grupo de 23 produtores. A Academia pretende estimular a partilha de ideias, a autoanálise e a inovação de cada produtor, transmitindo-lhes mais competências e uma visão mais ampla do mercado e das suas oportunidades. Esta iniciativa culmina na apresentação de uma ideia inovadora, por um ou mais produtores, e que será candidata ao Prémio Inovação do Clube de Produtores Continente.

PORTUGAL

– PRODUTOR DE EXCELÊNCIA

Portugal deve continuar a trabalhar em duas grandes dimensões: a especificidade dos seus produtos e que está muitas das vezes suportada, em produtos de edições limitadas e sua elevada qualidade. Sabemos que pela própria natureza do nosso território, os grandes volumes produzidos serão sempre pequenos, à luz do mercado global e, por isso, “ser pequeno” pode ser um fator de diferenciação importante. Por outro lado, existe uma dimensão relacional forte que os portugueses conseguem trazer para os negócios e que faz, muitas das vezes, a diferença entre um parceiro escolher ou não uma empresa portuguesa como fornecedor.

Prosperidade significa algo que tem êxito ou que é bem-sucedido e, neste enquadramento, o setor agro-

alimentar nacional muito tem contribuído para a prosperidade da economia. Portugal possui condições edafoclimáticas únicas para uma agricultura de excelência, conhecimento baseado em ciência e que está cada vez mais disponível para o setor. O território nacional tem empresas que estão constantemente motivadas para a excelência e frui ainda de plataformas que se preocupam com a promoção da competitividade do setor agroalimentar nacional e, neste aspeto, o Clube de Produtores Continente é um exemplo.

PRODUÇÃO ALIMENTAR SUSTENTÁVEL

O Clube de Produtores Continente tem acompanhado este tema em vários fóruns nacionais e internacionais no sentido de perceber de que forma conseguirá apoiar os seus membros para a equação produção versus sustentabilidade. Para esta abordagem estão também a ser chamados os investigadores que fazem parte do Conselho Científico do Clube de Produtores, para a identificação e implementação de medidas que possam ir de encontro àquela equação.

Uma das iniciativas que está já a ser organizada é o Encontro do Conselho Científico do Clube, no dia 5 de junho na Feira Nacional de Agricultura em Santarém, onde investigadores e produtores terão a oportunidade de debater um dos objetivos de desenvolvimento sustentável, apresentado pela ONU, mais especificamente: “Produção e alimentação sustentáveis”.

Um dos temas que tenho defendido junto da comunidade científica é a importância de cada vez mais a Grande Distribuição ser também chamada para novos modelos colaborativos

entre setor primário, indústria e investigação, enquanto agente de “intelligence” da procura e que pode obviamente apoiar toda a cadeia de abastecimento nas estratégias de investigação aplicada.

Contemplamos a elevada relevância em sensibilizar os membros do Clube para a importância de uma agricultura mais inteligente e, para isso vamos registando várias ações junto dos produtores.

Temos um conjunto de investigadores de universidades nacionais e europeias que se disponibilizam para colaborar com os produtores, formando o já mencionado Conselho Científico do Clube de Produtores. Ao longo do ano, o Clube organiza Encontros Setoriais onde esses investigadores apresentam os resultados dos seus projetos de investigação e inovação aos produtores, como forma de transferência e reforço do conhecimento e, consequentemente, da competitividade. Desses encontros têm resultado parcerias “tripla hélice”, isto é, Clube de Produtores-Produtores-Universidade, e que se materializam em produtos inovadores e diferenciadores para os clientes do Continente.

Ondina Afonso,
Presidente do Clube de Produtores
do Continente





DOSSIER CENTRAL - A Tecnologia ao Serviço da Agricultura

«A evolução tecnológica noutros setores está francamente avançada, o que levará a que muitas das soluções já existentes sejam adaptadas ao setor agrícola»,

por Tiago Sá, CEO & Co-Founder Wisecrop

O projeto Wisecrop nasceu ainda em âmbito académico, quando tivemos a oportunidade de trabalhar com uma tecnologia inovadora. Após a conclusão da Unidade Curricular em questão, tendo criado um protótipo funcional com sucesso, decidimos aplicar essa mesma tecnologia em soluções do setor agrícola. Foi então que surgiu o nosso conceito de Sistema de Monitorização e Controlo Remoto, uma solução que permitia aos agricultores aceder à sua exploração onde quer que estivessem, fosse através de dados recolhidos de sensores, fosse através do controlo remoto de programadores de rega.

Devido ao contacto próximo e contínuo com os agricultores, rapidamente percebemos que o verdadeiro valor acrescentado desta solução estaria na Inteligência Agro-

nómica aliada aos dados recolhidos pelos sensores. Mais do que dados “em cru”, o agricultor precisa de modelos preditivos e indicadores agrónomicos capazes de o ajudar a tomar melhores decisões. Foi assim que a solução evoluiu para um Sistema Integrado de Apoio à Decisão Agrícola. Nesta altura, mais do que os sensores, o Wisecrop era uma plataforma online de gestão agrícola, orientando o agricultor nos afazeres diários no terreno.

No entanto, o reforçado contacto com o setor, não só com agricultores, mas com técnicos, associações e prestadores de serviços, levou-nos a perceber que o negócio agrícola é muito mais do que o que se passa no terreno. Há toda uma gestão de background que é essencial ao sucesso do negócio e que tem de ser gerida

de forma otimizada, em paralelo com os procedimentos técnicos no campo. Foi então que surgiu o Wisecrop, o Sistema Operativo da Agricultura. Uma solução completa para gestão do negócio agrícola das diferentes entidades deste setor. Agora é possível trabalhar de forma colaborativa sobre os mesmos dados, em qualquer lado e a qualquer momento, potenciando os resultados de todos, mas em particular do Agricultor.

A nossa missão é tornar o setor agrícola português cada vez mais competitivo, com processos sustentáveis e resultados otimizados, como tal, trabalhamos muito próximo das Universidades para garantir que continuamos na vanguarda da tecnologia.

WISECROP – UMA SOLUÇÃO INTEGRADORA AO SERVIÇO DA AGRICULTURA

Na interface online é possível encontrar 7 Aplicações, desenhadas para ajudar a otimizar tarefas específicas, quer do ponto de vista do campo (o que chamamos de Gestão Técnica), quer do ponto de vista do escritório/negócio (que chamamos de Gestão Operacional). Cada Aplicação é independente das outras, fazendo com que este Sistema Operativo seja ajustado às necessidades de cada realidade. Não obstante, todas as Aplicações comunicam entre si de forma transparente, o que significa que uma introdução de dados numa, pode refletir-se em indicadores e funcionalidades noutra, evitando assim o tempo perdido na duplicação de introdução de dados. Além disto, o Sistema Operativo consegue integrar diferentes dispositivos (sensores e programadores de rega), independentemente da marca e modelo, desde que cumpram determinados requisitos técnicos. Mais do que isso, os diferentes serviços prestados por outras entidades podem também ser requisitados através da mesma plataforma, simplificando e acelerando este processo. Os resultados são igualmente integrados de forma automática, centralizando desta forma toda a gestão do negócio.

O Wisecrop é uma solução integradora. Isto significa que as outras soluções podem ser integradas na mesma interface, simplificando imenso o dia-a-dia do agricultor. Ao invés de utilizar diferentes softwares e interfaces, agora o agricultor apenas tem uma que agrega as mais-valias das restantes. A existência de empresas especializadas em determinadas áreas é fundamental para o crescimento do setor e para

a otimização dos processos. Consideramos essas empresas nossas parceiras e não concorrentes, já que estamos certos que juntos conseguiremos aportar um valor-acrescentado muito maior e mais ajustado às necessidades de cada agricultor.



UM MODELO DE NEGÓCIO ALINHADO COM OS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA CIRCULAR

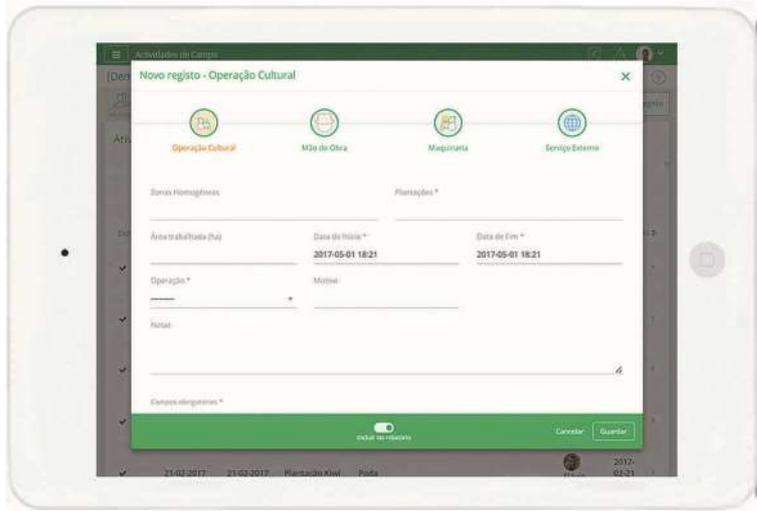
A Economia Circular pressupõe a preservação do capital natural, a criação de ciclos fechados de circulação de bens e a otimização dos processos envolvidos. O Wisecrop posiciona-se exatamente no centro destes 3 princípios. Ao oferecermos várias ferramentas de otimização do negócio agrícola estamos de facto a potenciar os resultados e a otimizar recursos, aumentando assim a eficiência dos processos envolvidos. Além disso, as Aplicações de Gestão

Técnica foram desenhadas para minimizar desperdícios e garantir a utilização das quantidades estritamente necessárias ao bom desenvolvimento da planta, garantindo o bem-estar de todo o ecossistema envolvente. A capacidade de agregar diferentes entidades com visões e experiências distintas, vem trazer um fomento de partilha de conhecimento e circulação de bens e materiais que está perfeitamente alinhada com os princípios da Economia Circular.

SUSTENTABILIDADE E APLICABILIDADE

Sendo o propósito prático do Wisecrop a otimização do negócio agrícola, estamos diretamente a contribuir para um aumento da produtividade e da qualidade produzida, em simultâneo com a redução de insumos, o que resulta na diminuição de desperdícios. Neste sentido, estamos ativamente a contribuir para uma agricultura mais sustentável, quer do ponto de vista individual de cada agricultor, quer do ponto de vista macro de todo o setor. De forma quantitativa, temos poupanças muito significativas, especialmente ao nível da água (+30%) e dos fitossanitários (+150€/ha).

A perspetiva de ajuda no negócio do agricultor impõe indiretamente uma forma de estar mais responsável do ponto de vista ambiental, visto estarmos a promover procedimentos de agricultura de precisão nos quais se aplicam as quantidades exatas, no momento e locais exatos, reduzindo ou eliminando quaisquer desperdícios. Esta precisão existe quer ao nível dos fitofármacos, quer ao nível dos fertilizantes, como da água, utilização de maquinaria e mão de obra. Só com esta abordagem



holística da gestão agrícola é que se conseguem resultados realmente palpáveis e com impacto ambiental significativo.

O setor agrícola português é muito fértil. Temos uma variedade enorme de tipos de cultura, desde as mais tradicionais até às mais exóticas. No entanto, sabemos que as nossas produtividades estão, na maioria delas, significativamente abaixo do que se atinge noutros países. Isto significa que há muito espaço para aprender e para crescer. Foi neste contexto que a Wisecrop nasceu: envolvida num país com agricultores a gerirem terrenos de menos de 1 hectare até terrenos com milhares de hectares, em planícies e encostas, no interior e no litoral, com solos argilosos (quase barro) até completamente arenosos, produzindo as mais variadas espécies de frutas, bagas, hortícolas, leguminosas, ervas e cereais... Com esta envolvência não podíamos evitar o desafio de criar uma solução agnóstica ao tipo de cultura, mas ainda assim capaz de dar resposta às necessidades específicas de cada uma. Uma solução capaz de se moldar a cada realidade e dar resposta aos diferentes perfis de terrenos e agricultores, sendo as culturas onde temos mais experiên-

cia, os pequenos frutos (nomeadamente mirtilo e framboesa), a vinha, o olival, a maçã e a pera.

O nosso modelo foi desenhado para ser útil a qualquer tipo de perfil de Agricultor ou Associação. Como as Aplicações são completamente modulares e gratuitas para acessos mais simples, mesmo os pequenos produtores podem usufruir das vantagens disponíveis. Os grandes gestores agrícolas frequentemente têm já implementados métodos e soluções de gestão que lhes permitem assegurar a sustentabilidade e crescimento das suas empresas. No entanto, estas soluções criam outro problema: o excesso de softwares com que trabalhar e confusão no tratamento de todos os dados. Nesses casos o Wisecrop apresenta-se como interface única, capaz de integrar as especificidades de cada uma das soluções já existentes. Quanto às Associações e Organizações de Produtores, o seu perfil enquadra-se perfeitamente naquilo que o Wisecrop tem a oferecer já que lhes permite uma gestão centralizada dos seus Associados. Desta forma é garantida a conformidade com as normas estabelecidas, a otimização dos recursos da entidade no que respeita a apoio e acom-

panhamento técnicos, a progressiva uniformização da produção e escalonamento dos prazos de entrega em conformidade com os clientes – muitas vezes internacionais. Tanto os Associados como a própria Associação estão em perfeita sintonia, todos os dias de cada campanha.

EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NO SETOR AGRÍCOLA

Nos últimos 5 anos temos assistido a uma evolução muito acentuada das tecnologias agrícolas, quer ao nível de maquinaria, quer ao nível de software, de genótipos de sementes e plantas, ou de sistemas de rega e fertirrega. Muita coisa está em evolução neste preciso momento e não tenho qualquer dúvida que muitas novidades surgirão em breve. A evolução tecnológica noutros setores está francamente avançada, o que levará a que muitas das soluções já existentes sejam adaptadas ao setor Agrícola. Não tardarão a aparecer assistentes – virtuais ou robóticos – perfeitamente aptos a ajudar nas tarefas diárias, eventualmente autónomos, poupando assim imenso tempo ao Agricultor, que pode então dedicar-se mais ao crescimento do negócio. A realidade aumentada será também parte desta revolução tecnológica, permitindo ver coisas que até agora seriam invisíveis. A tecnologia espacial está cada vez mais perto de permitir imagens aéreas com uma frequência e resolução aceitáveis para uso constante por parte do Agricultor. Mas claro, tudo isto são avanços muito significativos e que levarão o seu tempo a estarem disponíveis. Até lá, temos de dar pequenos passos nesse sentido e é isso que vemos a acontecer agora.

Um dos problemas globais que enfrentamos hoje em dia é a sobrepopulação mundial. Ao ritmo atual, seremos cerca de 9 mil milhões de pessoas dentro de 25 anos. A capacidade produtiva de hoje não é capaz de sustentar esse número de pessoas, pelo que várias soluções têm de coexistir. A agricultura urbana pode vir minimizar os riscos de impossibilidade de produção de alimentos, mas sozinha não será capaz. Por outro lado, a agricultura profissionalizada tem também os seus próprios limites. Assim, as novas tecnologias de *smart farming*, quer profissionais como urbanas, vêm

trazer alguma luz à resolução deste problema global, ao mesmo tempo que minimizam a poluição e garantem frescura dos alimentos ao evitarem grandes cadeias de transporte. À semelhança do que aconteceu com o setor da educação, em que há cerca de 20/25 anos se valorizava a memorização de factos e hoje, com a internet, a capacidade de encontrar informação é muito mais importante do que a capacidade de retê-la, no setor agrícola a inclusão de jovens sem formação na área será cada vez mais simples, apoiando os processos em soluções que ajudem na tomada de decisão e gestão do negócio.

«Pelo menos uma vez na vida todos precisamos de um polícia, um advogado, um médico ou um padre. Mas todos os dias, três vezes por dia, precisamos de um Agricultor (Brenda Schoepp). Foi por eles que criamos esta projeto, foi com eles que chegamos até aqui, é para eles que continuamos a trabalhar»



MIRTIFRUTO - ORGANIC TO LIFE

«A nossa aposta nestes anos tem sido na tecnologia, tendo como base dois dos nossos pilares: Responsabilidade Social e Respeito pelo Meio Ambiente»



por Ricardo Machado,
Jovem Agricultor e proprietário
da Mirtifruta

ANO DE INSTALAÇÃO:

outubro de 2013

LOCAL DA PRODUÇÃO:

Olho de Bode – Canha, Montijo

SAU:

3,5Ha

QUANTIDADE DE PLANTAS:

12000

MÉDIA DE PRODUÇÃO ANUAL:

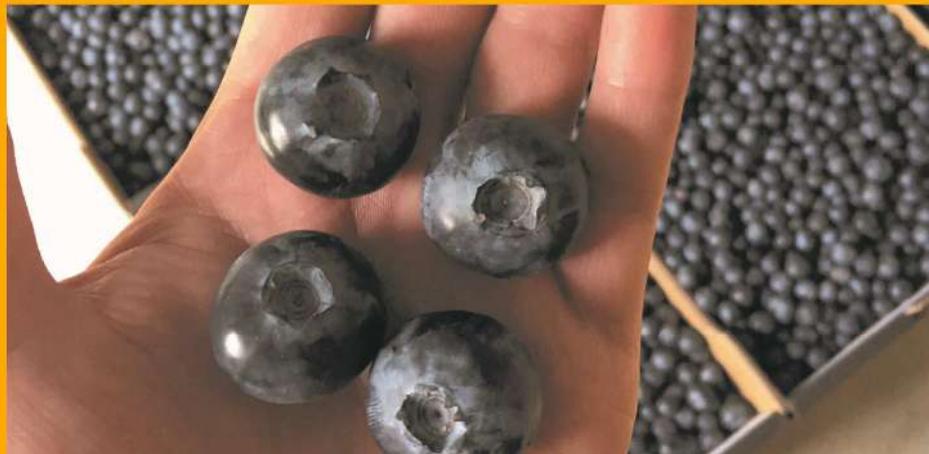
2015 – 3Ton | 2016 – 8Ton | 2017 – 17Ton

PRODUÇÃO EXPECTÁVEL PARA 2018:

30.000 Kg

MÃO DE OBRA PERMANENTE:

2

**DO AR PARA A TERRA**

A aventura começou em 2012 quando trabalhava nos Estados Unidos. Descobri lá os mirtilos e quando cheguei a Portugal pensei em ter a minha própria plantação. Em 2013 instalou-se a plantação em Canha, Montijo e até 2016 acumulei a Engenharia Aeronáutica juntamente com a Agricultura. Fundamentalmente a mudança surgiu por uma questão de oportunidade de um novo desafio e pelo facto da atividade agrícola estar em plena expansão em Portugal.

Hoje em dia a agricultura é uma agregação dos saberes antigos com a tecnologia, onde me sinto particularmente à vontade. Passa por escolher fatores de produção de qualidade (certificados fitossanitários, certificações, entre outros) e por utilizar ferramentas tecnológicas para a sua gestão (rega, meteorologia, gestão de colheita) e claro, capacidade de liderança de pessoas, que na minha ótica é na verdade o maior desafio e que trouxe da minha formação militar.

Ao contrário de muitos agricultores, não possuía nenhum terreno de família e o acesso a terrenos de grandes dimensões não é particularmente fácil e acessível do ponto de vista económico. O Mirtilo tem a vantagem de não exigir grandes áreas para iniciar a produção e esse foi o primeiro fator em conta. Além disso é uma produção que permite algum tempo de aprendizagem, pois não inicia a sua produção imediatamente (ao contrário da framboesa, amoras, hortícolas) e é uma produção pouco sujeita a pragas, o que permite baixar o risco para quem inicia esta atividade agrícola. Além destes fatores, o seu valor comercial é bastante atrativo e a procura ainda supera a oferta.

PADRÃO DE CONSUMO DO MIRTILO

Se por um lado a produção tem vindo a aumentar significativamente, também o consumo tem vindo a aumentar e já existe uma procura não só de quantidade, mas de qualidade.

Lembro-me, por exemplo, que nos supermercados, os pequenos frutos eram quase marginais e estavam nas mesmas prateleiras que os hortícolas e, hoje em dia já estão em condições de conservação excelentes, em arcas próprias e em zonas mais apelativas.

O mercado português representa cerca de 2% da nossa faturação... Contudo, lembro-me que quando iniciei a produção em 2013, poucas pessoas sabiam o que eram mirtilos e hoje em dia esse paradigma alterou. Tem havido bastante promoção e divulgação e é um mercado em crescimento. Creio que as pessoas cada vez mais se preocupam com a sua saúde e o mirtilo tem tudo para ser uma fruta a consumir pois, é pouco calórica, é antioxidante e acima de tudo é fácil de comer!

Mas é no mercado internacional que a expressão de consumo é mais significativa. Os principais países para os quais o produto é escoado são a Bélgica, a Holanda, a Suécia, a Dinamarca, a Noruega e Inglaterra, representando cerca de 98% de exportação.

A fruta é colhida a granel para caixas de 2/3 kg, refrigerada no máximo em 2h desde que é colhida e enviada através de transporte terrestre para ser embalada, chegando ao consumidor final, mantendo sempre a cadeia de frio e de rastreabilidade. Cumpre com a certificação ao nível de Higiene e Segurança, condições dos trabalhadores, análise de risco, entre outros.

Aplicamos a “regra de polegar”: a fruta só entra em contacto com o apanhador até chegar ao consumidor final, de forma a garantir a melhor qualidade.

MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICO

A Mirtifruta está certificada em Modo de Produção Biológica (MPB) desde 2014, ou seja, desde a sua génese que o projeto foi pensado para modo de produção.

Nesta altura havia pouca informação sobre o MPB para Mirtilos e a oferta de produtos autorizados era escassa.

Quando se inicia a produção em Modo de Produção Biológico o desenvolvimento da planta não é tão expedito e o combate a pragas é mais complicado, pois não existem (mesmo hoje em dia) muito produtos fitossanitários aprovados, tendo que se recorrer à luta biológica.

Na minha opinião compensa, pois, o resultado final é de uma fruta sem químicos, uma produção sustentável e uma garantia de qualidade que cada vez mais é reconhecida pelos clientes.

TECNOLOGIA INTEGRADA DA PRODUÇÃO

Sem dúvida que a nossa aposta nestes anos tem sido na tecnologia, tendo como base dois dos nossos pilares: Responsabilidade Social e Respeito pelo Meio Ambiente.

Temos implementado sistemas de monitorização do solo, através de sondas que medem humidade, salinidade e temperatura do solo, uma estação meteorológica com sistema de avisos, o sistema de controlo de colheita integrado e toda a aplicação de fertilizante é efetuada controlando a % de caudal para a injeção e controlados os parâmetros de Ph e de Condutividade Elétrica.

Os benefícios são óbvios: maior sustentabilidade e economia de recursos (ambientais e financeiros), além de maior controlo e capacidade de medir indicadores, podendo desta forma agir num processo de melhoria contínua.

Para avançar com o sistema tecnológico, acionei a medida 10.2.1.1 - Regime simplificado de pequenos investimentos nas explorações agrícolas, em que inclui a instalação deste sistema, que foi aprovado. No entanto, aguardo o recebimento das verbas.

MODERNIZAÇÃO E INOVAÇÃO AGRÍCOLA NA FUTURA PAC

Uma das prioridades da futura Política Agrícola Comum, seria claramente a aposta na modernização do setor agrícola. Contudo, não interessa ter um campo altamente tecnológico para ter maior atribuição de subsídios e depois não capitalizar os mesmos. Ou seja, é importante saber utilizar os dados recolhidos que a tecnologia nos fornece e utilizá-los de forma eficiente e com um propósito de sustentabilidade.

A nível geral, creio que as expectativas em relação à futura PAC são positivas. Mas, é crucial que contemplem algumas diretrizes como: incentivar os jovens a investirem no setor agrícola a realizarem projetos, fomentando a sustentabilidade e a tecnologia, bem como promover uma maior equidade entre todos os Estados-Membros. Isto é determinante pois, a agricultura está em fase de mudança tecnológica e de alteração do paradigma da agricultura sénior.

A tecnologia é um dos fatores determinantes para uma produção de excelência e de sucesso, a par do conhecimento técnico e do desenvolvimento de parcerias duradouras.

«Sejam felizes no que fazem e acima de tudo, sejam objetivos perante os desafios propostos. A capacidade técnica adquire-se, a resiliência, a persistência e o empenho não se adquire, é intrínseco.»





Phosphorland®

O Phorland é o software de gestão agrícola para a sua exploração.

4Land

Controlo Total Atividades

4Zoo

LRFD-Box 243 / DIGAV Digital

4Commerce

Certificado pela AT
Múltiplas Empresas



Phosphorland®

DOSSIER CENTRAL - A Tecnologia ao Serviço da Agricultura

«A tecnologia está a ser cada vez mais procurada pelos agricultores», por Raul Pinheiro, CEO da Phosphorland

A Phosphorland começou em 2014 como uma empresa de consultoria agrícola, voltada para os projetos e apoio técnico. Posteriormente, surgiu o desafio de criar o Phorland, levando a uma análise de todos os fatores relacionados com este projeto e decidiu-se avançar, sendo que até essa data, não existiam soluções em cloud. Hoje em dia estamos completamente focados no desenvolvimento do Phorland, apesar de outros projetos associados, e já temos mais de 500 agricultores/empresas a utilizar a nossa solução, número que tem vindo a crescer todos os dias.

Passados 4 anos e várias adaptações estamos a trabalhar de acordo com o que o mercado necessita e isso sim, são os nossos objetivos. Oferecer uma solução que se adequa à realidade dos nossos agricultores.

PHORLAND – TECNOLOGIA AO SERVIÇO DA AGRICULTURA

Trabalhamos ao serviço da agricultura e dos seus intervenientes. As nossas soluções passam por uma focalização nos pontos importantes que os agricultores e/ou empresários agrícolas têm dificuldade em controlar. O

nosso software de gestão agrícola, Phorland, permite a todos os agricultores fazerem uma gestão da sua exploração de forma mais eficaz. Através do registo do dia-a-dia da exploração e da integração com os equipamentos existentes, o agricultor poderá verificar todos os dados da sua exploração e ter informação extremamente detalhada o que permitirá tomar decisões no sentido de diminuir custos, aumentar proveitos, produtividade, eficiência, entre outras mais-valias. Além disso, toda a informação está sempre disponível, havendo acesso ao histórico de forma a ver a evolução da exploração com o decorrer dos anos. O Phorland tem, à data, seis vertentes:

4Land - permite ao agricultor fazer a gestão do dia-a-dia, controlar custos/proveitos e consultar a rastreabilidade dos produtos. Pode aceder a relatórios extremamente detalhados para verificar a rentabilidade da sua cultura. O Caderno de Campo é emitido automaticamente e pode ser consultado sempre que desejar.

4Zoo - fazer a gestão dos efetivos pecuários passou a ser mais fácil.

A rastreabilidade de todo o seu manejo técnico pode ser realizada pelo proprietário e pelo seu veterinário. Permite receber alertas e controlo do processo reprodutivo e produtivo de cada animal.

4Wine - é o módulo para gerir toda a produção de vinhos nas adegas. Permite controlar todas as operações, o registo dos consumíveis enológicos e manter a rastreabilidade total de cada garrafa de vinho. Permite o controle da adega visualizando cada cuba de forma muito simples.

4Fruits - permite fazer o controlo da receção e processamento de toda a fruta recebida na central. A rastreabilidade completa de cada caixa de fruta e a gestão de cada câmara à distância de um clique.

4Commerce - a faturação nunca foi tão fácil. Pode-se fazer a emissão de Orçamentos, Guias de Transporte, Faturas, Recibos, entre outros, consultar contas correntes, dívidas e fazer toda a gestão comercial da empresa agrícola de forma simples.

4Coop - é a solução que permite consultores, técnicos, cooperativas/associações gerirem os seus clientes/associados. Um módulo que permite elaborar a gestão agrícola pelos agricultores.

Mas, além do software, dispomos de uma oferta de serviços alargada e, estamos a lançar a Agroloja, uma loja agrícola online para poder fornecer todo o tipo de produtos aos agricultores portugueses a preços apelativos. O nosso objetivo é ajudar os agricultores de Portugal a ser cada vez mais competitivos – baixar custos de produção e aumentar produtividade/rentabilidade.

SUSTENTABILIDADE, EFICIÊNCIA DOS RECURSOS E FATORES DE PRODUÇÃO

A filosofia da Phosphorland assenta na sustentabilidade e várias metodologias são aplicadas todos os dias para reduzirmos a nossa pegada ecológica.

Através do Phorland podemos reduzir a utilização do papel nas explorações agrícolas num valor superior a 95%. Este dado é extremamente interessante porque se poupam vários recursos apenas na impressão de uma folha de papel (papel, tinta, eletricidade – tudo isto traduz-se numa determinada quantia mediante a dimensão de cada exploração).

A sustentabilidade pode ser aplicada em várias áreas de uma empresa, mas podemos mencionar mais. Ao termos métricas sobre a eficiência de recursos (p.e. máquinas e mão-de-obra) sabemos exatamente o custo hora de cada um e podemos reduzir custos associados – a título de exemplo, se uma máquina deveria trabalhar 800 horas por ano e só está a trabalhar 500, podemos ter duas atitudes de forma a melhorar esta situação: aumentamos a sua carga horária através de mais horas de trabalho e/ou prestação de serviços para fora, ou vendemos a máquina porque o custo de manutenção mais o custo de cada hora trabalhada está a sair mais cara do que o seu aluguer a um prestador de serviço.

No que respeita aos fatores de produção, podemos saber qual o custo de cada cultura através de vários relatórios – a já muito conhecida Conta Cultura. Esta Conta Cultura é constituída por todos os fatores que foram utilizados no processo produtivo de cada cultura – da preparação do terreno à colheita. Estes dados permitem avaliar e comparar com anos anteriores a utilização de recursos e a sua produtividade. Além disso, as operações podem ser otimizadas para reduzir custos na sua realização. Outro exemplo é, ao conseguirmos controlar à distância

certos dados, através de equipamentos, como a Estação meteorológica e sensores de temperatura, podemos evitar deslocações desnecessárias e, conseqüentemente poupar recursos.

Uma das vantagens mais importantes do Phorland, é que mesmo sem a utilização de equipamentos de precisão, é possível reduzir custos e melhorar a eficiência tanto dos recursos como dos fatores de produção.

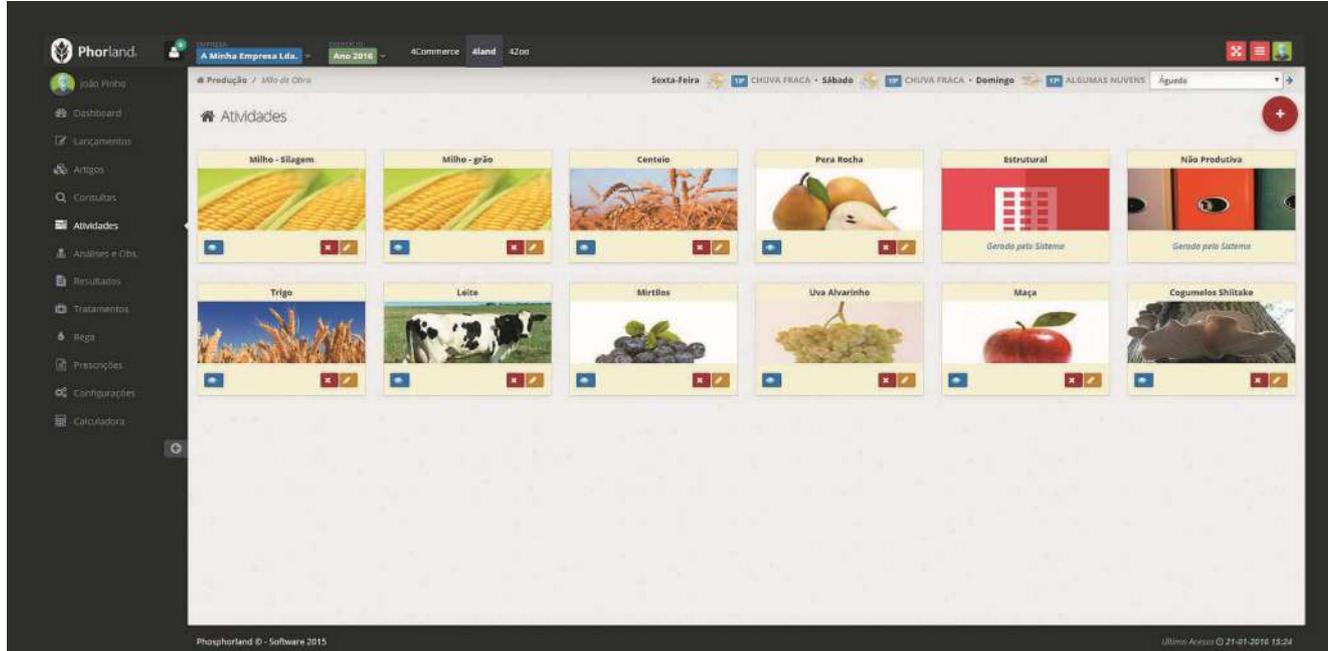
ACESSIBILIDADE

Os agricultores, como todas as pessoas, de norte a sul do país apresentam diferentes níveis de conhecimento informático, de gestão e de metodologia organizacional. O Phorland foi desenhado para poder ser acessível a todos, isto é, de fácil utilização, simples de aceder e rápido na obtenção de informação. O facto de termos as nossas soluções de utilização completamente gratuitas (módulos 4Land, 4Zoo e 4Commerce), permite que qualquer agricultor possa gerir a sua exploração sem necessidade de investir.

É em prol da satisfação dos empresários agrícolas que todos os dias temos mais vontade em continuar, de criar novas funcionalidades, de lhes dar as melhores ferramentas para gerirem o seu negócio. Dispo-

Registo de observação do campo





Painel de atividades 4Land de uma exploração agrícola

mos de um software de gestão agrícola extremamente completo para ajudar no dia-a-dia agrícola, oferecemos a solução de gestão mais vantajosa do mercado, mais completa e com uma capacidade integradora enorme. O potencial deste software é gigantesco e continuamos a trabalhar para podermos apresentar muitas novidades que agradarão a todos no futuro.

Todos os nossos clientes tiram proveito do Phorland, que foi desenvolvido para poder ser usado na gestão de qualquer exploração, Associação/Cooperativa/Organização de Produtores (OP)/Agrupamento de Produtores (AP), sendo a dimensão apenas um detalhe (temos clientes com apenas um 1 hectare e outros com mais de 100 hectares; nas Associações/Cooperativas/APs/OPs, algumas com duas dezenas outras com mais de cinquenta associados). O que realmente importa é que o agricultor ou entidade consiga retirar informações que lhe permitam perceber e tomar decisões que melhorem o controlo da sua exploração/empresa. Os dados produzidos permitem que o agricultor possa verificar várias informações e avaliar onde e como pode reduzir custos, melhorar a eficiência e dessa forma aumentar a sua rentabilidade.

Um dos nossos objetivos principais é tornar a tecnologia e informação acessível a todos os agricultores. Achamos que os agricultores sem informação não conseguem tomar as melhores decisões e isso pode comprometer o seu sucesso. O *Smart Farming*, a Agricultura de Precisão e todas as inovações tecnológicas são essenciais, nos dias de hoje e no futuro.

PHORLAND NO MERCADO NACIONAL E INTERNACIONAL

Todos os dias há novos clientes a registarem-se e a pedir informações. O Phorland é um software modular e abrange várias áreas do setor agroalimentar – da produção primária à transformação. Grande parte dos nossos clientes, mais de 500, têm produção vegetal (hortícolas, pomares, olival e vinhas) e alguns são produtores de leite ou de bovinos de carne, mas estamos a crescer no setor vinícola (gestão de adegas) e também na gestão de centrais de fruta (4Fruits). A internacionalização é um dos principais objetivos desde que surgiu a ideia. Estamos num mundo global e a agricultura existe em todos os países. Já conseguimos internacionalizar para Angola. Temos um plano bem traçado para podermos chegar a outros mercados e estamos a trabalhar para que isso seja possível. Estes passos necessitam de boas

bases, mas temos todas as condições para conseguir esse objetivo.

De forma geral podemos dizer que a tecnologia está a ser cada vez mais procurada pelos agricultores. Com o passar dos tempos, a concorrência e a globalização dos mercados tem permitido que os preços se tornem cada vez mais competitivos, o que permite até aos agricultores mais pequenos adquirir alguma dessa tecnologia que os ajuda no dia-a-dia. Mas a nossa agricultura é constituída por muitos pequenos agricultores e isso pode ser limitante, em termos da capacidade económica, para fazer os investimentos necessários.

«A Phosphorland é uma empresa dedicada em ajudar a crescer a agricultura e dessa forma, iremos andar sempre de mãos dadas com o que de melhor se pode fazer para que os agricultores, nossos clientes, possam administrar e controlar da melhor forma possível as suas explorações.»



AJAP SOU EU

Oferecer conhecimento é trabalhar com gosto

Valentina Castilho, técnica da AJAP, afirma que o recurso à tecnologia, em solo agrícola alentejano, tem tido um aumento exponencial.

Técnica afeta ao Gabinete de Coordenação Regional do Alentejo desde 2008, o trabalho de Valentina Castilho desenvolve-se entre o escritório e as explorações agrícolas.

A área geográfica onde dá apoio no terreno é bastante vasta, estendendo-se desde o Alentejo Litoral à raia espanhola – Colos (Odemira), Alvalade Sado, Panoias e Garvão (Ourique), Sobral da Adiça, Amareleja, Moura, Ferreira do Alentejo, Beja, Cuba, Alvito, Vidigueira, Vila Nova de São Bento, Brinches, Serpa, Pias, Vila Verde de Ficalho.

Como é estruturado o apoio ao agricultor, concedido no Gabinete de Coordenação Regional do Alentejo?

Neste gabinete, o serviço prestado de Apoio ao Agricultor é efetuado por mim e por mais dois colegas, sendo que o meu trabalho está mais

direcionado para o apoio nas Agro-ambientais e tudo o que lhe está inerente e, o colega Nelson Figueira trata da elaboração de Projetos e de toda a envolvente. No que respeita a funções administrativas, a tramites burocráticos, a inserção de guias de manutenção, declarações de existências, inserção de nascimentos e de passaportes de bovinos, estão a cargo da colega Judite Figueira. A realização de candidaturas, os subsídios agrícolas e a execução de parcelário, são tarefas que repartimos pelos três.

Que vantagens traz este tipo de Gabinete à comunidade local?

Este espaço físico é sem dúvida uma grande mais valia, não só porque permite cimentar a proximidade com o agricultor, mas essencialmente por possibilitar uma resolução célere de assuntos e dúvidas inerentes à exploração.

Em que se traduz, especificamente, o apoio técnico que a Valentina concede diariamente?

O trabalho que efetuo diariamente é bastante abrangente. As minhas funções, dividem-se entre o apoio técnico (apoio no aconselhamento dos tratamentos e planos de fertilização) aos agricultores em modo de Produção Integrada, apoio nas práticas culturais na Agricultura Biológica, nomeadamente em culturas anuais arvenses e forrageiras, hortícolas, olival e vinha. Acompanho o agricultor no campo, em toda a fase de implementação da cultura até à fase de auditoria e certificação pelos OC's (Organismos de Controlo e Certificação).

No Gabinete, trato de toda a parte burocrática, como a realização de cadernos de campo, elaboração de candidaturas aos apoios comunitários e conceção de Parcelário Agrícola.



**Contacto do Gabinete
de Coordenação Regional
do Alentejo**

Bairro Novo da Bica
Edifício da Pré-Primária
7940-104 Cuba

Tel: 284 414 140
029.cuba@ajap.pt

O trabalho de campo é, sem dúvida, o que mais me preenche enquanto técnica, pois trata-se de uma oportunidade de colocar em prática o meu conhecimento e, assim, apresentar o agricultor com as melhores soluções.

Quais são os maiores desafios que tem encontrado no exercício diário da sua função?

Os maiores desafios prendem-se com o apoio técnico em culturas novas, como a Colza e a Papoila Dormideira. São culturas que para prestar um aconselhamento técnico adequado aos agricultores, tive que estudar todo um ciclo cultural, bem como doenças e pragas das mesmas.

Quais são os subsectores agrícolas que têm atraído mais investimento no distrito de Beja?

Devido ao Alqueva e ao aumento do regadio, tem sido instalado Olival superintensivo em áreas que outrora eram terras de sequeiro, onde se faziam os cereais de outono/inverno. É também crescente o investimento em culturas anuais e regadas, que

nunca tinham sido realizadas no Alentejo. Hoje em dia o sector com maior expressão no Distrito de Beja passou a ser o Olival de regadio.

Que tipo de práticas sustentáveis têm sido inseridas na agricultura da região?

Com o PDR2020 houve um aumento significativo de explorações que aderiram às Agroambientais, nomeadamente à Produção Integrada, à Agricultura Biológica, ao Uso Eficiente da Água e Práticas de Conservação do Solo e Sementeira Direta.

As certificações do tipo GlobalGap também tem tido o seu aumento no Alentejo, na certificação de Horticultura intensiva.

O recurso à tecnologia tem expressão nas culturas da região?

Tem tido o seu aumento exponencial, particularmente com a instalação de sistemas de rega automatizados, como os pivots de rega em áreas ocupadas anteriormente por olival de sequeiro ou por culturas anuais de sequeiro. Estes sistemas de rega

podem ser comandados informaticamente e à distancia, de formas tão simples como através de aplicações no telemóvel.

No terreno é detetável alguma resistência à mudança?

Existe de tudo um pouco. Grandes agricultores, que apesar da idade, conseguem acompanhar a evolução na agricultura e, depois temos outros agricultores que continuam a mostrar alguma resistência à mudança. Mas regra geral, agricultores que têm muita área de exploração e que vivem da agricultura, têm acompanhado esta evolução, experienciando novas culturas e novas formas de trabalhar a terra.

Tem havido instalação de jovens na agricultura, no distrito de Beja ou os números estão aquém do expectável?

Apesar de continuar a haver jovens a instalar-se na agricultura, com o novo quadro comunitário notou-se um decréscimo acentuado nos projetos de instalação de Jovens Agricultores.



O Agronegócio em Cabo Verde

Por Davide Freitas, CEO da Winresources

A Winresources, desde sempre olhou para o mercado de Cabo Verde com especial atenção. A razão para isso foi acharmos que o mercado cabo-verdiano apresenta desafios muito interessantes para a temática do Agronegócio.

Por um lado, é um país de reduzidas dimensões, estruturado num Arquipélago formado por 10 ilhas, onde as condições logísticas são complexas, a que acresce a falta de produtividade dos solos e a carência de água para a prática da agricultura. Com base nessas dificuldades decidimos apostar no mercado, tentando ajudar a criar condições para o desenvolvimento de um agronegócio inteligente, onde a utilização das mais modernas técnicas e tecnologias produtivas deve e tem que ser uma realidade a curto prazo.

No ano de 2010, fomos convidados pela Direção Geral de Agricultura e Silvicultura de Cabo Verde para fazer um trabalho de campo sobre a potencialidade do Agronegócio em todos e cada um dos municípios das 9 ilhas habitadas de Cabo Verde. Esse trabalho, para além de extremamente enriquecedor em termos pessoais e profissionais, identificou um conjunto de produtos que podem e devem ser desenvolvidos, em segmentos de alto valor acrescentado, e em que este país apresenta enormes vantagens competitivas. Falamos do Grogue, do vinho do fogo, do queijo do fogo, entre outros. Foram definidos um conjunto de projetos “Ancora” que devem ser desenvolvidos no âmbito da transformação e conservação de produtos agrícolas em diversas ilhas de Moçambique e que têm enorme potencial para serem implementados.

É também essencial aumentar a formação dos agricultores, sobretudo no que toca à gestão empresarial, ao marketing de produtos e à análise dos mercados consumidores, de modo a reorientarem as suas produções, quer em quantidades quer em tipos de produtos.

Os investimentos na captura, fixação e distribuição de água devem continuar a bom ritmo, como tem acontecido num passado recente, aumentando a disponibilidade de água aos agricultores, bem como diminuindo o custo da água para utilização agrícola.

A facilitação no acesso ao crédito, por parte dos agricultores com projetos inovadores, poderia ser uma aposta do Ministério da Agricultura, dando garantias às instituições bancárias de forma a permitir a existência de períodos de carência e a baixar o juro aplicado, tornando assim viáveis esses projetos.

Há também que apostar na certificação de alguns produtos de nicho, como o grogue e mel de cana, os queijos de cabra, o carvão, o sal, o vinho e destilados, o café, a farinha de mandioca, como forma de regularizar os seus processos produtivos, tornando-os mais transparentes e aumentando a confiança dos consumidores do produto. Este processo irá também favorecer o marketing dos produtos, facilitando a sua colocação num mercado cada vez mais exigente. Assim, o setor agrícola deverá concentra-se em oportunidades de negócio, procurando satisfazer o abastecimento da sua população com qualidade e em quantidade.

A Winresources enquanto consultora no setor do agronegócio, atuando na elaboração de planos de negócio, pesquisa por financiamento, apoio à implementação de projetos de investimento, realização de estudos e caracterização setoriais, formação profissional e *coaching*, tem continuado o seu trabalho em Cabo Verde, estando a concluir três projetos a implementar por clientes nossos no mercado, um na área da transformação de laticínios, outro na transformação e conservação de batatas e outro na área do turismo rural. Temos feito, também, diversos projetos e ações de formação profissional no território de Cabo Verde, na área do café, do vinho, dos doces, da produção hortícola, entre muitos outros.

Acreditamos fortemente no desenvolvimento do agronegócio cabo-verdiano, como fator de aumento da independência alimentar, como produtor de produtos de alto valor acrescentado com potencial exportador, e como resposta à procura provocada pelo crescimento do turismo que têm aumentado significativamente e, que ainda vai crescer mais com os projetos previstos para a ilha de Santiago, Maio, Fogo, Sal e Boavista.



PARCEIROS AJAP

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Alcino Sanfins, Presidente do Conselho de Administração da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Trás-os-Montes e Alto Douro, sublinha a importância da parceria estabelecida com a AJAP, que tem permitido facultar soluções salutaras aos agricultores e ferramentas que dignificam o meio agrícola da região.

O Crédito Agrícola assume uma postura de agente importante para o desenvolvimento local e regional. Quais são as mais valias desta Caixa para a comunidade local?

O Grupo Crédito Agrícola tem um forte enraizamento nas comunidades rurais, havendo um esforço para manter a sua proximidade com os seus clientes e associados. Neste contexto, posso dizer que a proximidade com a comunidade é sem dúvida uma das nossas mais-valias. Repare-se que em alguns dos locais onde atualmente temos balcões, o balcão CA é o único ponto de contacto dessas populações com o sistema bancário nacional. A verdade é que a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Trás-os-Montes e Alto Douro, tem a noção da importância social da presença efetiva de balcões junto dos clientes, uma vez que o acesso aos

serviços bancários é mais do que um simples negócio. É também uma forma de garantir a cidadania, de estimular o desenvolvimento económico e social e de promover a inclusão financeira. Estou plenamente convencido que as comunidades locais dão cada vez mais valor a esta postura da Caixa Agrícola, uma vez que assistiram nos últimos anos aos nossos mais diretos concorrentes, de uma forma mais ou menos declarada, a desinvestir da sua rede de balcões, abandonando os aglomerados mais pequenos e rurais, apesar das suas eficazes campanhas publicitárias afirmando serem “eles” os verdadeiros parceiros dos agricultores. Não nos podemos esquecer que estamos a falar de meios profundamente ruralizados, em alguns casos envelhecidos e em que a capacidade de aderir a sistemas de banca digital é muitas vezes diminuta. O conheci-

mento profundo, por parte dos órgãos de gestão da Caixa, das realidades e idiosincrasias da região em que se insere, permite muitas vezes ultrapassar obstáculos que em outra escala nunca seria possível.

Qual a importância do crédito concedido à atividade agrícola no vosso negócio?

O peso da atividade agrícola, não é neste momento tão grande como foi em tempos para o Crédito Agrícola, pois há muito que deixou de ser uma instituição bancária virada exclusivamente para a agricultura. No entanto, pela sua implantação geográfica em concelhos em que esta atividade ainda representa uma fatia importante da vida económica, é natural que a mesma represente uma parte importante do nosso negócio.

Não obstante de termos vindo a apoiar este tipo de projetos de uma forma continuada, é minha perceção que a margem de progressão é grande. Penso que o aparecimento de projetos com mais qualidade tem gerado na banca uma concorrência no apoio dos mesmos que não sentíamos até há pouco tempo, no entanto creio que continuamos a ser o grupo mais bem preparado para oferecer uma gama de produtos que vai ao encontro da necessidade dos jovens.

Quais os setores de atividade agrícola que mais investimento atraem no distrito de Vila Real?

Sem prejuízo de estar a omitir outros setores igualmente importantes no panorama agrícola regional, como a olivicultura ou a agropecuária, penso que neste contexto a vinha, nomeadamente a que se insere na Região Demarcada do Douro, tem sido e penso que continuará a ser, o setor com maior dinâmica no distrito de Vila Real. O esforço de qualificação dos agentes agrícolas tem permitido obter resultados quantitativos notáveis, a que não é alheio o esforço de promoção dos vinhos do Douro e do Douro como destino turístico de excelência.

Relativamente ao desenvolvimento agrícola, quais são os desafios futuros que esta caixa prevê, a fim de continuar a apoiar o investimento na área?

Na minha opinião há um desafio que todos os intervenientes nesta área terão que ter presente, e que penso ser o principal óbice ao desenvolvimento do mesmo. O rejuvenescimen-

to dos agentes agrícolas. Numa atividade como a agricultura, em que a dureza do trabalho, aliada à incerteza normal desta atividade, faz com que nem sempre seja uma decisão fácil ao apostar na agricultura. Contudo, creio que estão reunidas condições para que os jovens vejam futuro nesta atividade, sendo na minha ideia, este um dos caminhos mais importantes para travar a desertificação do interior. Neste contexto, penso que entidades como a AJAP ou o Crédito Agrícola desempenharão um papel vital neste processo, pelo conhecimento que agregam relativamente a este setor.

A Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Trás-os-Montes e Alto Douro estabeleceu um protocolo com a AJAP, no sentido de promover um leque de serviços. De que forma esta parceria tem sido profícua?

Esta parceria tem sido um bom casamento entre entidades que no fundo têm uma visão comum para a agricultura nesta região e tem permitido prestar um serviço de confiança e qualidade ao seio agrícola. Ambas entidades têm usufruído do que cada uma sabe fazer melhor. Por um lado, a Caixa tem uma implantação territorial ímpar, meios humanos e conhece como ninguém os agentes agrícolas. Por outro lado, a AJAP tem o conhecimento técnico, as ferramentas e a capacidade de formação, que permitem garantir um apoio importante aos agricultores.



PARCEIROS AJAP



Celso Magalhães, Prseidente da ADIACT - Associação de Desenvolvimento Integrado dos Agricultores do Alto Corgo e Tâmega

Qual é a missão da ADIACT?

Elevar o nível de vida, "cultural, recreativo, técnico e económico", dos seus clientes em particular e da população da sua área de atuação em geral (Corgo, Douro e Tâmega), em qualquer setor da vida económica, de forma que todos os nossos clientes possam viver condignamente do rendimento das suas explorações e das suas iniciativas empresariais, possibilitando-lhes a fixação do agregado familiar na região.

Tem por missão também ser reconhecida como um parceiro estratégico na disponibilização de serviços, organização de projetos e animação de dinâmicas que contribuam para a gestão profissional e sustentada das explorações e demais iniciativas empresariais, no respeito pelos valores sociais, culturais e ambientais.

Que vantagens/ benefícios oferece este tipo de Associação à comunidade agrícola local?

A ADIACT oferece à comunidade agrícola um leque de prestações de

serviços, tais como: a conceção, o acompanhamento e a supervisão de Projetos de Investimento; o encaminhamento para soluções de financiamento mais adequadas ao perfil do agricultor e ao projeto de investimento; o apoio técnico e administrativo à gestão de documentação e à elaboração de pedidos de ajuda e outros apoios à produção, comercialização e proteção do ambiente; o apoio técnico às atividades desenvolvidas nas explorações agrícolas; estudos de caracterização e de levantamento de necessidades e de oportunidades; formação profissional; divulgação de informação.

Em que balcões do crédito agrícola podemos encontrar a ADIACT?

Nos balcões de Chaves, Vila Real, Santa Marta de Penaguião, Peso da Régua e Mesão Frio durante todo o ano; nos balcões de Vidago, Boticas e Montalegre durante o período de candidaturas ao PU, sendo o expediente assegurado durante esse tempo pelo balcão de Chaves.

Do seu ponto de vista, quais são os maiores desafios

que os agricultores do Alto Corgo e Tâmega enfrentam na atualidade?

Os maiores desafios, leia-se, dificuldades, prendem-se com as políticas de investimento geradas pelo PDR2020 que são pouco atrativas para os agricultores da região, sobretudo para os jovens, onde a dimensão da propriedade é um fator limitante para a execução de grandes projetos. A comparticipação da maioria dos projetos é reduzida, agravada pela obrigatoriedade de os agricultores disporem de um fundo de maneio para adiantarem as verbas do investimento que apenas são reembolsadas mediante comprovativo do pagamento da despesa. Ora, numa região desfavorecida onde os agricultores não têm esse fundo de maneio seria de bom senso que o reembolso das despesas fosse feito mediante a apresentação de fatura, sendo a apresentação do comprovativo do pagamento feito posteriormente, num prazo curto a determinar, salvaguardadas as penalizações para quem não cumprisse.

Por outro lado, as alterações climáticas, com temperaturas desreguladas e fora de época e a seca são desafios que obrigarão necessariamente a mudanças de paradigma para as quais os agricultores não estão preparados. Há ainda a panóplia burocrática exigida para o exercício da atividade pecuária que associada à falta de recursos para a deslocalização das unidades pecuárias, levará muitos agricultores a desistir.

Quais são os subsetores agrícolas que têm atraído mais investimento no distrito de Vila Real?

A Produção Vegetal, com a reconversão da vinha e a plantação de olival, incluindo as operações culturais que englobam um conjunto de práticas associadas à atividade agrícola, tais como, a preparação do terreno, a fertilização e a fertirrigação, a rega das culturas, a construção de infraestruturas de apoio, a mecanização e a sanidade vegetal, aproveitando um conjunto de recursos que permitem conquistar os mercados. A Produção Animal, é um dos subsetores onde o investimento tem aumentado consideravelmente, tendo na sua génese a carne de bovino, de ovinos e de caprinos, com destaque para as raças autóctones bovinas barrosã e maronesa. A apicultura tem registado também muita procura, para produção de mel, cera, geleia real, própolis e pólen, dando um significativo contributo na prestação de serviços de polinização às culturas vegetais.

A par disto, uma fatia do investimento tem sido canalizada para a legalização do exercício da atividade

pecuária (REAP) com o objetivo de garantir o respeito pelas normas de bem-estar animal, a defesa da higiene sanitária dos efetivos, a salvaguarda da saúde pública, a segurança de pessoas e bens, a qualidade do ambiente e o ordenamento do território, num quadro de sustentabilidade e de responsabilidade social dos produtores pecuários.

Que tipo de projetos de investimento agrícola mais relevantes e inovadores fora elaborados pela ADIACT?

Os projetos relacionados com a recuperação dos muros de pedra posta da Região Demarcada do Douro, a reestruturação e a reconversão da vinha (VITIS), o investimento na exploração agrícola, a reabilitação e modernização dos regadios tradicionais.

No que respeita a sistemas tecnológicos integrados nas explorações, os agricultores da região têm acompanhado as tendências?

Globalmente os agricultores desta região não têm acompanhado as tendências no que respeita a sistemas tecnológicos a não ser a compra do trator, da charrua ou do escarificador. Uma ou outra exceção existe quando, por força de uma maior dimensão da propriedade e de adesão a um projeto de investimento, o promotor venha a modernizar a tecnologia de produção.



FRUTA DRAGÃO: VALIDAR A CAPACIDADE PRODUTIVA DA PITAIA VERMELHA



Luís Sabbo, parceiro do projeto

Objetivos Visados:

1. Implantação de campos de testagem da Pitaia Vermelha

- Instalação de campos de ensaios para as duas espécies a testar
- Implementação de práticas culturais diferenciadas

2. Monitorização de campos de testagem da Pitaia Vermelha

- Monitorização da evolução da planta de acordo com os diferentes parâmetros agronómicos definidos
- Avaliação e monitorização da fitopatologia da planta
- Quantificação de bioatividades

3. Validação de dados agronómicos e de produtividade e qualidade dos frutos

- Obtenção e tratamento estatístico de dados dos campos de testagem
- Definição de práticas agronómicas e de viabilidade para cada espécie testada

4. Divulgação e disseminação

- Promover a cultura melhorada de Pitaia Vermelha
- Divulgar potencial da cultura
- Disseminar vantagens económicas e financeiras da Pitaia Vermelha como cultura alternativa

A Pitaia é um fruto que deriva de diversas espécies de cactos epífitos, dos géneros *Hylocereus* e *Selenicereus*. Também conhecida com Fruta Dragão, tem origem na América Central e no México, sendo o seu cultivo feito também em países como a China, Israel e Brasil. Um fruto rico em nutrientes e excelente fonte de antioxidantes, assume dimensões de consumo relevantes nos países supra mencionados.

No âmbito da Ação 1.1 PDR 2020 – Grupos Operacionais, foi criada a iniciativa que pretende avaliar o impacto de diferentes práticas culturais na capacidade produtiva da Pitaia Vermelha no sul de Portugal. Um projeto que tem a AJAP – Associação dos Jovens Agricultores de Portugal, como responsável pela parceria com mais cinco entidades: Luís Sabbo – Frutas do Algarve, Lda, Mil Plantas – Produção e Comercialização de Plantas, Lda, Desafio Tropical Lda, Universidade do Algarve e Consulai.

Luís Sabbo, Jovem Agricultor e um dos parceiros neste projeto explica que «esta oportunidade surgiu através de um desafio lançado pela AJAP», sendo o seu papel, bem como das demais empresas agrícolas integradas, o estudo da adaptação da cultura à região, através da plantação de uma parcela.

A região do Algarve apresenta condições ímpares no que se refere ao cultivo de algumas espécies fruteiras exóticas e, tal como reafirma Luís Sabbo, «Será a melhor região de Portugal continental para produzir esta cultura ao ar livre, pois reúne as condições edafoclimáticas para esta produção que está adaptada a climas tropicais.» Não obstante, que a região poderá ter períodos com circunstâncias climáticas extremas para a cultura.

Apesar de Luís ir testar no seu terreno a Pitaia Vermelha de polpa branca, «por ser a que melhor está reconhecida pelo mercado», o projeto contempla a análise de duas espécies: a *Hylocereus costaricensis*, fruto com coloração vermelha na casca e na polpa, e a *Hylocereus undatus*, com coloração vermelha na casca e polpa branca. Isto permitirá uma análise comparativa das duas espécies, bem como dará a possibilidade ao agricultor de selecionar qual pretende cultivar, mediante os seus objetivos.

Verificou-se junto dos operadores frutícolas da região do Algarve, a necessidade premente de diversificar as culturas tradicionais, com o intuito de produzir frutas exóticas com elevado potencial agronómico e com bons índices de consumo nos mercados, «Se a cultura se adaptar muito bem às condições da região algarvia, e se as produtividades forem consideráveis, podemos estar perante uma aposta rentável para os agricultores portugueses», diz o Jovem Agricultor, deixando antever uma expectativa positiva em relação ao projeto.

Portugal pode deter um papel importante no que se refere à produção diferenciada pela qualidade. Este Grupo Operacional tem o foco nos pequenos e médios agricultores, objetivando o incremento da diversidade de produtos no mercado nacional, assim como a criação de uma fileira da Pitaia Vermelha.

Toda a informação obtida no âmbito do Grupo Operacional, como casos de estudos, fotografias, vídeos, será difundida numa página web, ainda a ser criada. A par deste procedimento informativo, vai também ser elaborado um Manual Técnico sobre a Pitaia Vermelha – A Fruta Dragão, onde constarão os processos produtivos, espécies aconselhadas, fichas técnicas e nutricionais dos frutos. A cargo da Universidade do Algarve ficará a execução de artigos de carácter científico, para posterior divulgação.

Pitaia de polpa vermelha e polpa branca



FORMAÇÃO FINANCIADA PARA TÉCNICOS SUPERIORES

- Técnico em QGIS em ambiente aberto | *28 horas*
- Hidráulica agrícola Inspeção a Sistemas de Rega e de Bombeamento (ISRB) | *60 horas*
- Organização de cadeias de abastecimento curtas de produtos agrícolas e agroalimentares | *50 horas*
- Gestão e valorização de efluentes pecuários | *35 horas*

INSCRIÇÕES ABERTAS

www.ajap.pt

QGIS | *28 horas*

Lisboa - 29 e 30 de junho; 6 e 7 de julho

Viseu - 15, 20, 22 e 27 de junho

Braga - 11, 12, 18 e 19 de junho

SANTARÉM 2 A 10 JUNHO
CNEMA OLIVAL & AZEITE
FEIRA DO RIBATEJO

FNA18

FEIRA NACIONAL
DE AGRICULTURA

feiranacionalagricultura.pt

